

CURIOSA VARIANTE DE VINTÉM DE D. JOÃO IV

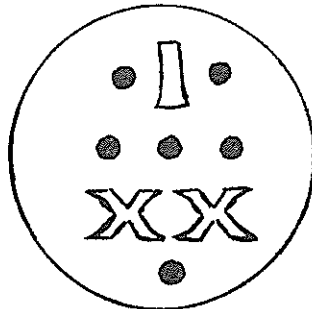
por RAUL GONÇALVES

É modestíssima a representação dos vinténs de prata na nossa colecção, tão modesta que, do chefe da dinastia de Bragança, — D. João IV —, só possuímos um exemplar. Por que é exemplar único detemo-nos muitas vezes na sua contemplação. Encontra-se classificado por nós como: F. V. (Ferraro Vaz) — 51-*var.*

Não vem esta variante referenciada nos catálogos motivo por que não queremos furtar-nos a sobre ela redigir esta pequena memória, passando imediatamente à sua descrição:

A.º — IOANNESIIIDGRP, sem traços, pontos, rosetas ou quaisquer outros sinais a separar os diversos elementos da legenda. Orla cerceada, limitada por um fio de pérolas.

No campo: I com um ponto de cada lado, na 1.ª linha; *três pontos na 2.ª linha*; XX na 3.ª e um ponto na 4.ª linha.



J4-51-var.

R.º — ALGARABIOR. Armas do Reino coroadas, coroa aberta, com florões cortando a legenda que é limitada exteriormente por um fio de pérolas. Não apresenta qualquer letra monetária pelo que teremos de concluir que terá saído dos prelos da casa da moeda lisbonense.

Hesitamos, logo que nela pegamos, em nos decidirmos sobre qual o anverso e o reverso. A face onde se regista o nome do monarca ou aquela que apresenta as armas do reino? É que neste exemplar, facto

que, aliás, se repete em outros vinténs de outros reinados, as armas do reino são apenas sublinhadas pela legenda *algarabior* ou *algarabiorum*, ao passo que o valor facial é acompanhado pelo nome do monarca. Consideramos, todavia, que as armas do reino, traduzindo o país de origem, devem corresponder realmente ao anverso, correspondendo o reverso ao valor facial. A implantação das legendas seguindo a regra geral deveria correctamente apresentar o nome do monarca na face onde estão gravadas as armas do reino ficando o restante naquela que nos patenteia o valor facial.

No entanto, não é este desvio da regra geral observado na implantação da legenda, que nos levou a intitular estas notas de «curiosa variante». Mais do que isso, a inserção de 3 pontos entre o I e os dois XX nos levou a tal qualificação. Sistematizando, por ordem cronológica de classificação, encontramos-na na seguinte sequência:

1.º — *Teixeira de Aragão*, estampa XXXIII n.º 36, com as legendas:
IOANNES III D G.

R.º IOANNEIIIDGR

2.º — *Batalha Reis* — Estampa 69 n.º 44

IOANNESIIIDGRP — Ao centro I por baixo deste tres pontos (. . .) que e sobrepoem a XX.

R.º ALGARBIORVM em volta das armas de Portugal.

3.º — *Ferraro Vaz* — Não regista qualquer exemplar com três pontos entre o I e os dois XX.

A variante referenciada por *Batalha Reis* é apresentada por este autor com o reverso ostentando as armas do reino circundadas pela legenda ALGARBIORVM, quando o nosso exemplar mostra ALGARABIOR, não existindo mais espaço para o VM final.

Afigura-se-nos também, através da fotografia, que aliás é muito má e de difícil interpretação, que a legenda do exemplar descrita por *Batalha Reis* é ALGARABIORVM e não ALGARBIORVM como este autor leu, certamente levado por hábitos rotineiros.

Esta disposição dos pontos nos reversos dos vinténs de prata de D. João IV nas suas variações levou-nos a investigar como seria a sua implantação nos vinténs cunhados pelos outros reis desde o seu aparecimento com D. João II até à sua substituição por outro metal depois do reinado de D. João VI.

Podemos considerar o vintém de prata de D. João II como o sucessor do *meio real grosso* de seu pai Afonso V ou, talvez, com mais propriedade, do *chinfirão*, dado que pela sua morfologia e módulo é deste que mais se aproxima e ainda por que aquele, além de morfologicamente

e modularmente diferente, foi apenas cunhado na seca de TORO para correr em Castela. Diga-se de passagem que Teixeira de Aragão identifica as designações de «meio real grosso» e «chinfran» como respeitantes ao mesmo numisma. Neste reinado ainda a moeda não regista valor facial, o mesmo se verificando com D. Manuel I. Com D. João III surge este valor representado por dois XX de tal grandeza que preenchem por completo o campo da moeda, o mesmo acontecendo com D. Sebastião, D. Henrique e D. António I. Os Governadores, no 2.º Interregno, não cunharam este tipo de moeda e Filipe I ainda nos apresenta os dois XX ocupando todo o campo do reverso, mas, com Filipe II já surge por cima dos XX o F., inicial do nome do monarca, inicial que se conservará até Afonso VI. Neste reinado a letra inicial do nome do rei desaparece, ficam apenas os XX passando o reverso a constituir o anverso, desaparecendo as armas do reino e sendo o campo do reverso totalmente preenchido pela cruz do Santo Sepulcro ou pela cruz de Aviz. Este tipo manter-se-á com D. Pedro Príncipe Regente.

Com D. Pedro II o vintém de prata evolui profundamente; é numisma sem qualquer legenda, apresentando no anverso a esfera armilar e no reverso a cruz de Cristo contornada por quatro rozetas ou quatro PP conforme a sua cunhagem procede de Lisboa ou do Porto. O mesmo tipo é apresentado por D. José I e D. João Príncipe Regente. D. Maria I não terá possivelmente cunhado este tipo de moedas. Com D. João P. R., termina assim a série de vinténs de prata iniciada com D. João II (1481) e extinguindo-se com D. João P.R. (em 1816) sobrevivendo por um período superior a 300 anos.

Como atrás dissemos o valor facial XX surgiu com D. João III no reverso das moedas. A inicial do nome do monarca surge-nos a encimar este valor no reinado de Filipe I, ou Filipe II e desaparece com D. Pedro II.

Vejamos agora a disposição dos pontos no reverso da moeda.

D. João III — Ferraro Vaz referencia 47 cunhos diferentes sendo os n.ºs 147-148-149-150 e 189 aqueles que ostentam o valor facial, encontrando-se os XX emoldurados por uma coroa de louros. É a seguinte a implantação dos pontos nos seus reversos.



23-147



23-148



23-149

D. Sebastião — Ferraro Vaz regista nove cunhos sendo três com valor facial. Os XX encontram-se circundados por louros e a disposição dos pontos é idêntica em todos.



Se - 26

D. Henrique — Três cunhos registados com os pontos separando os XX com a mesma disposição dos do reinado anterior. A coroa de louro foi substituída pelas abreviaturas da legenda Portugal et Algarbiorum.

D. António I — Igualmente três cunhos, com igual disposição dos pontos em relação ao XX e igual legenda circundante. Módulo reduzido lembrando os meio-vinténs.

D. Filipe I — Onze cunhos diferentes sendo sete com o F inicial do nome do monarca. Nos quatro primeiros a disposição dos pontos com relação aos XX é a clássica desde *D. Sebastião*. O aparecimento da inicial do monarca levou o gravador ou gravadores a uma fantasia imaginativa que muito valoriza as colecções.

Assim vejamos:



F1-39



F1-40



F1-41-42



F1-43



F1-44



F1-45



F1-46

O número de pontos varia entre 8 e 24, insistindo-se nos agrupamentos de 5 pontos, certamente a representar as quinas. Talvez tenhamos de interpretar esta insistência do gravador como um gesto de patriotismo a recordar ao rei que ele seria um intruso que o povo não aceitava.

D. Filipe II — Não se registam cunhos neste reinado o que se explica pelo facto da moeda desta dinastia — os três Filipes —, não apresentar a seguir ao nome do rei o número de ordem: primeiro, segundo e terceiro. É natural que hajam sido cunhados referenciando-se uns como de Filipe I e outros de Filipe III.

Filipe III — Três cunhos onde os pontos se agrupam como na numaria de Filipe I.

D. João IV — Com a restauração da independência aparecem vinténs cunhados em Lisboa, Porto e Évora. São quinze cunhos diferentes sendo 5 de Lisboa, 4 do Porto, e os 6 restantes de Évora.



J4-52-A



J4-50



J4-52



J4-51



J4-55



J4-56



J4-55-A



J4-55-B



J4-53

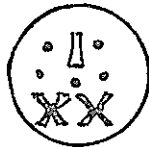


J4-53-B

A exuberância de pontos verificada durante a dominação castelhana é agora substituída por uma marcada parcimónia chegando ao

mínimo de três. Na cunhagem do Porto o P surge entre os dois X a separá-los excepto em 55 B onde se encontra subjacente e tombado. Nas cunhagens de Évora o número de pontos é também reduzido 3 ou 5 e a letra monetária encontra-se subjacente aos XX, em posição erecta ou deitada.

D. *Afonso VI* — Neste reinado registam-se oito cunhos um dos quais híbrido com João IV no reverso, todos em representação da casa da moeda de Lisboa. O número de pontos mantém-se reduzido com um número fixo de cinco. Nas últimas cunhagens o módulo e o peso sofreram nova redução.



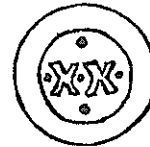
A6-35



A6-36



A6-36c



A6-38

D. *Pedro, Príncipe Regente* — Desaparece a inicial do nome da pessoa real, o valor facial passa a fazer parte do anverso e no reverso inscreve-se a cruz com a legenda de «IN HOC SIGNO VINCES» tal como sucedia na numária de seu irmão D. Afonso VI. Apenas 3 pontos dispostos na vertical com um deles entre os dois XX.



PR-49

Os últimos vinténs de prata — D. Pedro II modificou totalmente a morfologia destes numismas. Reduziu-lhe o módulo e o peso e fez desaparecer deles qualquer legenda. O seu anverso é representado pela esfera armilar e o reverso insere a cruz de Cristo cantonada por quatro rosetas que nas edições da Casa da Moeda do Porto são substituídas por quatro PP. D. Maria I não cunhou esta espécie monetária que se extingue com a regência do príncipe D. João, substituída mais tarde (1800) por moedas de cobre.